

## Suplemento Cultural

## Diário de uma desavisada

THERESA HILCAR

Em meio a dezenas de escritores, encontro o amigo de longa data, autor do prefácio do meu livro de estréia: Ignácio de Loyola Brandão. Ao seu lado, um jovem português que ele apresenta como sendo o maior autor desde Saramago. O nome é Gonçalo Tavares. Não dou trela ao jovem escritor, do qual nunca ouvi falar, e até desconfio que meu amigo esteja sendo generoso com o gajo. À noite, durante o jantar, e sentada à mesa com Ignácio, o rapaz, educadíssimo, pede licença para se juntar a nós. Ficamos os três a falar de livros, claro! Ainda sem saber ao certo de quem se tratava, tento ser gentil e falo do quanto gosto do seu país, de Fernando Pessoa, e de um livro que marcou profundamente: “O último trem para Lisboa”.

Não leu ainda? Ah! Tem que ler, é muito bom, e o Valter Hugo Mae? Adoro o Mae. É de ler de joelhos. Ele sorri diante da minha ingenuidade – ou ignorância – e me pede para contar o enredo do “Ultimo Trem”. Diz que vai ler. Loyola, sábio que é, me deixa cometer todas as imprudências sem dizer uma palavra.

Antes de me deitar vou ao Google e descubro que o moço é mesmo escritor importante e premiadís-

simo. Dizem que está à altura de Saramago. Quando encontro-o no dia seguinte, vou logo dizendo: Gonçalo, você é muito famoso, menino! Ele acha graça e resolve falar dos seus livros como “Viagem à Índia” e uma série intitulada “Bairros”. Diz que adora Clarice Lispector e pretende incluí-la nesta série. Durante quatro dias compartilhamos as refeições e até ficamos amigos. Quando compro um livro seu, fico constrangida de pedir autógrafa. Aliás, sempre fico sem jeito de pedir autógrafa para mim. Então digo que a dedicatória vai ficar para quando for a Lisboa. É um bom sítio para isto, me responde com o belo sotaque!

Em meio ao evento de livros, o anúncio da morte de García Márquez me dá um susto. A notícia chega durante uma palestra. O palestrante lamenta, eu dou um longo suspiro. Mas minha vontade é gritar. Mais que uma morte, a notícia é o fim de qualquer chance de rever meu escritor predileto. Aquele que encontrei certa vez, desavisada, num pub em Nova Iorque, e não lhe notei a presença. Nem atendi ao pedido de sua acompanhante que insistia em iniciar uma conversa. Estava ocupada demais assistindo Wood Allen e seu clarinete. Meus dois ídolos numa noite? Ah!



**GONÇALO M. TAVARES.** Depois de José Saramago, um nome que desponta na atual literatura portuguesa. Expôs na Bienal do Rio 2013

“

Em meio ao evento de livros, o anúncio da morte de García Márquez me dá um susto. A notícia chega durante uma palestra. O palestrante lamenta, eu dou um longo suspiro. Mas minha vontade é gritar”

Nem em sonhos. Nunca me perdoei por esta falha. Conte o caso para Ignácio de Loyola que foi logo pedindo: posso roubar esta história para uma crônica?

Em seguida me chamou a atenção: benfeito pra você. Nunca se deve deixar de conversar com alguém. Mas estava escuro, Ignácio, eu não podia imaginar que era ele, choraminguei. Desculpas. Apenas desculpas. Fique mais atenta da próxima vez!

Mas com Gabo não haverá próxima vez. Dele haverá apenas a história. Que será contada e recontada por mim e agora por Ignácio de Loyola. Que eu espero, sinceramente, não seja muito duro comigo. Embora eu mereça.

## Pensamentos desconexos, infiéis e secretos (para um grande amor)

PAULO TADEU HAENDCHEN

Eu estava preocupado com a transmissão desses pensamentos! Eu queria escrever algo tão íntimo que representasse com exatidão, com toda amplitude, uma imagem maravilhosa, doce, excitante e secreta. Uma imagem que fugisse aos padrões habituais e revelasse um grande amor. Um tão grande amor que os poetas se sentissem ébrios, contagiados pela sua envolvimento. Que na descrição usasse eu um jogo de palavras tão bem articuladas, que o mais bruto dos seres as absorvesse, sentindo-se enlevado, arrebatado, como se vivesse num mundo de tolos. Que fossem palavras que emergissem do meu mais profundo sentimento; que fossem tão libertas quanto o desejo de as reprimir; que, absolutamente, fossem expelidas pela subserviência, mas, ao contrário, que fossem palavras oriundas da veneração, de um elevado estado de espírito cujo único desígnio fosse efetivamente descrever um amor real.

Eu pretendia descrever esse amor, retratá-lo com a perfeição dos deuses, moldar as palavras aparando suas asperezas, fundindo-as em ideias que, ao final, como um conduto, reproduzisse a sua imagem.

Pensei então em transformar esses pensamentos em frases ritmadas, como uma poesia que seduz. Mas, a imperfeição do artista me levou a produzir palavras jogadas, que não refletiam o sentimento desejado. E no fundo de mim o sentimento a explodir sem encontrar vazão. E eu me consumia, como que implodido, pela frustração de não saber espelhar a sensibilidade que me dominava.

“Quem sabe numa melodia?”, pensei. E sob sons incríveis a fustigar meus ouvidos as palavras vieram sem a ternura pretendida, sem o ritmo que contagiava.

Por fim, confesso-me vencido. Confesso que sofro por não encontrar, tal qual eu queria, o estilo que retratasse o sentimento que procurava expressar. Censuro-me por não retratar com a fidelidade devida os sentimentos que motivam minha vida e que secretos continuam até que sejam identificados nessas linhas desconexas. E tudo parecia tão simples. Bastava dizer, quem sabe, “eu vivo só porque te amo”. Mas, o que é essa coisa que se chama amor? “E eu queria tanto descrever esse amor”

Bem, eu dizia que estava preocupado. Realmente já não mais estou, porque, de qualquer forma, revelei essa amargura de não saber como BEM DIZER “eu te amo, meu pai”.

Barra do Garça, MT, 02 de abril de 1978.

## POESIAS

## VIRADA NOS CAMINHOS

Como é lindo sonhar com meigas rosas  
E, ao despertar, revê-las estampadas  
- mais vivas, mais viçosas, mais coradas -  
- Nas faces, aos meus beijos, perfumosas!...

Como é bom conversar sublimes prosas,  
De amor sonhar nos tudos e nos nadas...  
Depois, as almas temas e caladas  
Dos sonhos despertarem-se dengosas!

Quantos sonhos, amor, em nossas vidas  
Só nos tangendo a solidões doridas  
Que, separados, vinham-nos ao peito!...

Agora, que virada nos caminhos!  
Já podemos gozar nossos carinhos  
E juntinhos sonhar no mesmo leito!

GERALDO RAMON PEREIRA

## ESCRAVO DA ILUSÃO

Foi outrora...  
Na pequena mesquita  
Para além das fronteiras do deserto,  
Depois de caminhar fatigado e só  
Sobre um mar interminável de areias,  
Pôde encontrar o repouso e a paz  
Na tranquilidade de uma oração.

Há muito tempo partira  
Em busca da ilusão...  
Encontrava agora  
A favorita dos seus sonhos.

Com serenidade  
E gratidão,  
Orou ao Onipotente Alá  
- Senhor dos desertos e dos homens,  
Por ter alcançado  
O que julgava ser  
A realização da procura.  
Mas os sonhos que são bons  
Duram a eternidade das miragens:  
E ela se foi com um mercador qualquer  
Para um país muito distante...

Hoje, o poeta  
- Escravo da ilusão,  
Parte outra vez pelo deserto  
Sem ao menos a esperança  
De encontrá-la,  
Porque ela é inconstante  
Como os ventos,  
E como os ventos  
Apaga os rastros nas trilhas dos oásis.

HUGO PEREIRA DO VALE

## Festa Literária em Itaporã

REGINALDO ALVES DE  
ARAÚJO – presidente da ASL

A busca incessante de novos talentos literários e em cumprimento ao calendário de promoções de sua extraordinária produção, a Associação de Novos Escritores de Mato Grosso do Sul lança, com imenso prazer, nas lides literárias do Estado, o talentoso poeta Marcos Roberto Minucci, da bela cidade de Itaporã.

Os seres humanos conseguem valor e dignidade pelas múltiplas decisões que tomam diariamente. Essas decisões exigem coragem. Paul Tillich diz que a coragem é antológica – é essencial ao ser humano. Num outro trecho de seus escritos ele afirma que “expressamos a nossa existência criando”. Posso completar dizendo que a criatividade é a sequência natural do ser.

Quem desperta para a arte de escrever é chamado a realizar algo novo, palpante e repleto de criatividade. Foi isto que fez, com toda emoção que cabe no seu coração, o brilhante poeta Marcos Roberto Minucci ao presentear o público de

Mato Grosso do Sul com este formidável e romântico ‘UMA OBRA QUASE PERFEITA’, livro de poesias que também enaltece o nome e o poder de Deus.

No projeto fantástico desta obra assoma sobranceira e de brilho inapagável a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itaporã (APAE), mantenedora do Centro de Educação Especial Brisa, departamento que tem como finalidade a Construção da Escola Inclusa, promovendo o desenvolvimento educacional de crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental e deficiências múltiplas. A retumbante vitória deste projeto chama-se ‘Marcos Roberto Minucci’, agora poeta, através da dedicação e esforço gigantesco da aplaudida professora Vera Lúcia C. C. Boni.

Para quem ainda tem a “arte de escrever” em formação, a poesia é uma tentativa de abreviar ou alongar o tempo ou mesmo queixar-se de um sonho apagado pelas torturas da lancinante realidade. O que, entretanto, não ocorre com o autor desta obra, a despeito de suas

limitações. O que se vê é um dom fluindo através de uma mentalidade criativa, onde é evidenciado o primeiro reclamo de um coração que aos poucos é assaltado pelos encantos da “musa” encantada, que, na sua visão de garoto apaixonado, está prestes a chegar.

Tocado pelo deslumbramento, Marcos Roberto Minucci, a mais nova revelação da literatura de Itaporã (MS), ver-seja ainda sobre os encantamentos da natureza, o amor fraterno e um autêntico proclamar da grandeza do amor de Deus, de sua inefável misericórdia e do abundante amor que jorra de seu trono da graça os habitantes da terra.

Mato Grosso do Sul ganha mais um poeta, mais um condutor do romantismo, que irá enriquecer seus acervos culturais.

O lançamento desta esperada obra será brevemente na cidade de Itaporã, para o orgulho de todos aqueles que investem nessa extraordinária organização que tem por nome Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Itaporã (APAE).  
A conferir.

## Povuerto

HÉLIO SEREJO

Ninguém adora mais o seu chão do que o povuerto.

Povuerto é o que nasceu ali e ali fez morada duradoura.

O Pai-Eterno o abençoou para que crescesse, se fizesse homem, amando desmedidamente o chão que os seus olhos extasiados admirariam no frescor das madrugada crioulas.

O povuerto é o musgo da árvore centenária. Ele, o musgo, a ela se incorpora e passa a viver de sua mágica incorporação vegetativa.

Segue, tempos afora, agarrado à umidade de líquido alimentador, enfrentando as intempéries.

O homem povuerto, o que abriu os

olhos ali, possui esse feito, dom de nosso Guia Sublime.

Os seus olhos miram o horizonte todos os dias, embriagadoramente, e os seus pés cruzam os variados caminhos, em ritmo estonteante de bem-querer campechano.

Ele, o povuerto, é escravo do chão, adorno fulgurante de sua imaginação febricitante.

Do lugar sagrado, nunca quer se afastar, como “musgo” que é, na plenitude da consciência campesina.

Quando o “abandono” é inevitável, o coração sensível passa a sofrer a dor lancinante e esmagadora, dor que dói, nas profundas entranhas, estiolando o pensamento, numa convulsão dorida de tristeza e saudade.

Até que, às vezes, nesses instantes, debulha as lágrimas, porque não é vergonha, para cristão nenhum, quando

se chora na despedida do amado torrão nativo.

Este, de que estamos tratando, é o povuerto de nascença, o dono zeloso e amorável do chão bendito.

O que veio de fora para ajudar no progresso, passa a ser povuerto, por gosto e satisfação, uma vez que nutre o desejo patriótico de entrar com sua parcela desenvolvimentista.

Sou, por nascença, um povuerto; povuerto que ama ajuntamento de moradas e as vilotas sossegadas, portanto, um cristão fascinado por todas as paisagens crioulas.

Ser povuerto é viver, diuturnamente, empolgado pela aurora que brinca sobre a crista da mata, e veste os caminhos de um azul transparente; é ser vivente que, na augusta hora crepuscular, sabe elevar o pensamento para o alto e rezar, de mãos postas, a oração respei-

tosa do recolhimento e da ternura nativista; é viver de bem consigo mesmo, aureolado por um desejo incontido de nunca ofender o Senhor e de macular os sábios ensinamentos do Evangelho; é ser “rei” absoluto no seu pedacinho de chão e dono, envaidecido, de todas as querências.

O povuerto faz parte da história do xucrismo. É um esteio poderoso que ajudou (e ainda continua ajudando) a construir a PÁTRIA CHARRUA.

Sinto grande orgulho em ser povuerto. Carrego comigo – com justificado envaidecimento – as raízes do terreno, em que dei os primeiros passos para uma longa caminhada nativista.

Merece, o povuerto, a nossa admiração e respeito. Merece as nossas eternas preces na catedral da gratidão.